

segundo a autora, o lazer e a actividade social ganham uma grande importância para a manutenção da integridade física e mental do cuidador, em correlação com o apoio de estruturas na própria comunidade que os auxiliem a cuidar, assim como o suporte por parte dos profissionais de saúde, o que vai para além do espaço físico hospitalar, assistindo as famílias e os doentes em casa.

**Sofia Rodrigues**

*Mestrado em Sociopsicologia da Saúde,  
Instituto Superior Miguel Torga*

**Maria Laura Bettencourt Pires. 2007. *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação. Campus do Saber. Universidade Católica*. Editora: Lisboa. 182 pp. ISBN 978-972-54-0179-8.**

O livro de Maria Laura Bettencourt Pires, Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, surge, após o desafio feito pela própria Universidade, na sequência de alguns temas debatidos pela docente, no âmbito das suas aulas e seminários de Mestrado e Doutoramento, bem como conferências proferidas noutros estabelecimentos de ensino. A autora inicia a reflexão, enfatizando que o núcleo central da obra é a ideia de Universidade e a forma como as instituições universitárias se transformaram ao longo do tempo. Neste sentido, expressa, ainda, o objectivo que o estudo funcione como um guia ou mapa para todos os agentes que se preocupam com a integridade da educação no ensino superior, numa época em que as fronteiras entre mundo académico, empresarial e público se tornam cada vez mais permeáveis, com a necessidade premente de se avaliarem os custos associados à transição.

A obra é constituída por oito capítulos,

sobre diferentes temáticas. O capítulo I e o capítulo II apresentam reflexões sobre a educação, o modo como o conceito tem evoluído e as transformações da Universidade, com os contributos de Humboldt, Newman, Ortega y Gasset e Bell Reaings. No capítulo III, a autora explora a questão das 'duas culturas' e a dificuldade do racionalismo reconhecer outro tipo de conhecimento que não seja o científico. Os capítulos IV e V analisam, respectivamente, as tendências da interdisciplinaridade, com base em Edward O. Wilson e Edgar Morin, como forma de oposição à especialidade, e a internacionalização implementada a partir do Processo de Bolonha. O capítulo VI centra-se na importância da utilização das novas tecnologias e das mudanças que ilustram os efeitos negativos da sua comercialização. Finalmente, os capítulos VII e VIII abordam as transformações epistemológicas que estão a acontecer na Universidade com base, respectivamente, no pensamento dos teóricos contemporâneos e dos teóricos pós-modernos.

Desta, forma, no capítulo I, após uma análise sobre a origem etimológica do termo educação, a autora constata que existem múltiplas concepções acerca deste tema que justificam uma abordagem dinâmica e pluridimensional no tempo e no espaço, possibilitando uma análise histórica da evolução do conceito, suas ideias e ideais. Educação seria, assim, um processo de conduzir, guiar ou criar, um método de auto-renovação e de desenvolvimento social que ocorre primeiro na família e depois em entidades externas. Em face dos problemas do século XXI, é importante considerar, diz a autora, a dimensão moral e cultural da educação, bem como a sua importância numa sociedade globalizada, com a massificação da formação e a 'indústria da educação', considerando os estudantes como clientes, em oposição à criação de condições que lhes permitam desenvolverem disciplina, aptidões e oportunidades, de modo a saberem pensar, expandirem os seus

conhecimentos e desenvolverem a sua personalidade. Nesta perspectiva, o papel da educação no ensino superior é produzir cidadãos com capital cultural, valores e conhecimento para poderem exercer a sua cidadania e participação democrática, devendo a Universidade assumir-se como o local-chave onde os estudantes aprendem a ser e a agir, através do curriculum e da interacção com os pares.

De seguida, no capítulo II, a autora traça um paralelo entre as mudanças universitárias que ocorrem nos nossos dias e na Antiguidade, por isso, defende que os debates actuais nada mais são do que sucessórios das discussões ocorridas no tempo de Séneca e Sócrates. Em Atenas, tal como hoje, coexistiram diferentes concepções de educação. Na educação antiga, com memorização e pouca disciplina, ensinava-se a glória dos tempos passados e, com nostalgia do passado, pensava-se que a nova educação subvertia os estudantes. Em paralelo, porém, outros educadores antigos ensinavam a pensar as origens sociais das normas morais e a necessidade de cada um construir as suas próprias reflexões. No século XX, a Universidade abre-se, pouco a pouco, a jovens de todos os estratos sociais, procurando prepararem-se para o exercício de uma profissão e integrar-se como cidadãos e membros de uma cultura. Deste modo, a Universidade é vista como uma agência privilegiada da produção do saber, da nova ideologia do progresso e do poder político moderno. A crise da primeira metade do século XX, com incertezas, guerras e regimes totalitários colocam a universidade, no quadro dos seus objectivos, debates e reflexões, sob enorme pressão que eclode nos anos 1980, com o desinvestimento do estado e a globalização mercantil, obrigando a adaptações do ensino e da investigação a novas exigências.

No começo do século XXI, a discussão centra-se no futuro da Universidade que terá de redefinir a sua missão e funções, no quadro das novas tendências e

desafios, ao nível da sociedade do conhecimento, do papel crucial na formação de ambientes inovadores, tendo em conta os novos paradigmas dos processos ensino/aprendizagem, e a dimensão ética da educação e da investigação. Este futuro é influenciado pela criação de novas áreas científicas, o modelo de autonomia e financiamento, bem como as pressões do mercado. Neste contexto, a universidade sofre o impacto dos conflitos de interesse entre cultura e lucro, investigação e ensino, educação ou formação profissional, e motivos economicistas influenciam o leque de cursos a ministrar, os professores que podem ser contratados e a re-estruturação de currícula, para responder aos objectivos de estudantes e empregadores. Desta forma, a universidade nunca esteve tão activa na adopção de estratégias de sobrevivência, entre outras, atrair os estudantes de várias idades para continuar a investir na aprendizagem ao longo da vida, e apostar no mercado das consultorias, através da prestação de serviço à comunidade e realizar trabalhos por encomenda.

No seguimento da sua reflexão, Maria Laura Bettencourt Pires revisita Humboldt, que fundamentalmente compreendeu a importância da Universidade e da ciência para o desenvolvimento do emergente estado-nação industrializado no mundo moderno. Por sua vez, Newman apresenta a Universidade como um lugar onde se ensina o conhecimento universal e que apenas se pode tornar substantivo num processo de educação. Ortega y Gasset considera que a Universidade tem uma 'missão' que será formar indivíduos com profissões intelectuais, investindo na investigação científica, mas conciliando a ciência moderna com o respeito pelas tradições históricas e culturais. Finalmente, Bell Readings defende que a instituição universitária em 'crise' segue o regime lógico do dinheiro, com interesse nas margens de lucro, em detrimento das margens do pensamento, o que faz impe-

rar uma universidade burocrática e com estatuto empresarial.

A autora, no capítulo III, explora a discussão actual sobre as 'duas culturas', defendendo a posição de que se trata de uma luta entre o antigo e o novo, ou entre o moderno e o pós-moderno, que, em diferentes versões, se tem perpetuado, no decurso da história, uma luta determinada pelo objectivo de se saber como o conhecimento válido pode ser produzido, e as bases e o domínio de afirmação da sua autoridade. Para analisar esta questão, Maria Laura Bettencourt Pires opta por abordar diversos momentos históricos e verificou que, a partir do início do século XX, a ciência tem vindo a perder a desejada autonomia que permitia considerar-se a única produtora da verdade, sendo possível encontrarem-se novas 'verdades'.

A reflexão prossegue, no capítulo IV, acerca da interdisciplinaridade, considerada um dos temas mais relevantes quando a discussão são os novos rumos da Universidade. Embora não sendo um tema inteiramente novo, exige uma reflexão epistemológica nova. Perante o ataque que é feito à especialização, os pensadores, discutindo a unidade do conhecimento, propõem a transdisciplinaridade que pode conduzir a uma significativa transformação epistemológica. A autora traça um percurso histórico, demonstrando que a discussão da interdisciplinaridade tem sido feita desde Aristóteles. Deste modo, por um lado, a discussão da temática do conhecimento depende do objecto e do sujeito, o que coloca todas as disciplinas numa relação de interdependência e, por outro, a especialização dos investigadores e a evolução técnica provocou uma aproximação entre disciplinas e conceitos. Consequentemente, o projecto de construir uma teoria do conhecimento tem lugar em contextos culturais específicos e que se transformam historicamente. Neste sentido, a autora explora as tendências da interdisciplinaridade com base em Edward O. Wilson e Edgar Morin, que,

respectivamente, apresentam os conceitos de consiliência e unidade no conhecimento e de convergência entre as ciências e as humanidades.

No capítulo V, é traçado um esboço das intenções subjacentes à assinatura do Processo de Bolonha que preconiza a adopção de uma estrutura de graus baseada em ciclos, com perfis e orientações diferentes consoante os objectivos individuais e académicos, com directrizes sobre exercício profissional e a empregabilidade, além do projecto de criar uma área universitária europeia até 2010. O Processo de Bolonha, considerado como um movimento de mobilização para uma reforma da Universidade do século XXI, visa a harmonização dos sistemas universitários, promovendo a comparabilidade dos cursos e a mobilidade dos estudantes, com base num sistema comparável de diplomas, provendo, além disso, a interdisciplinaridade e a procura de novas formas de financiamento. Assim, com a reforma de Bolonha, os cursos universitários devem habilitar os estudantes para a competitividade, adaptabilidade e inserção na sociedade, de modo a adquirirem competências certificadas a nível internacional. O foco de ensino, desta forma, é conjugar a aprendizagem dos estudantes com a formação de cidadãos para o mercado de trabalho e as necessidades de inovação, polivalência, adaptação, cooperação e formação ao longo da vida. A empregabilidade e o favorecimento do sistema de módulos são duas outras áreas de transformação; enquanto que a primeira se tornou central, porque os estudantes devem ser preparados para desempenharem funções úteis à sociedade, a segunda é vista como um mecanismo para permitir aos estudantes serem responsáveis pelos seus estudos. Quanto à mobilidade, em consonância com o estilo da sociedade de hoje, os profissionais devem estar adaptados e preparados para conhecerem realidades diferentes fora do seu espaço de nacionalidade.

Desta forma, as tecnologias da informação são abordadas, no capítulo VI, como importante instrumento de desenvolvimento do ensino e pesquisa, permitindo o avanço e difusão do conhecimento. E isto, em descurar a importância do convívio presencial na formação universitária, uma vez que favorece, entre outros, a aquisição de valores, afirmação da identidade. Por seu lado, a pesquisa e experimentação de inovações técnicas são meios fundamentais para os indivíduos maximizarem as suas performances, quando aplicadas à informação, entretenimento, comunicação, reestruturação do mundo laboral e actividades de lazer.

A abordagem crítica, nos capítulos VII e VIII, é orientada para as transformações epistemológicas, com base em pensadores contemporâneos e pós-modernos. No capítulo VII, a autora explora o pensamento de Theodor W. Adorno, um nome de destaque na história do pensamento educacional moderno, no campo da teoria filosófica e estética e seu poder de transformar a sociedade. Por seu lado, Alasdair MacIntyre, um dos críticos que defendeu a fragmentação e a falência do sistema universitário moderno, propõe um currículo tripartido que enfatiza os estudos científicos, históricos e linguísticos, com a persuasão de que estas áreas têm de interagir e integrar-se reciprocamente e não ficarem encerradas em si próprias. Jerome Bruner, considerado o pai da psicologia cognitiva, analisa as repercussões na educação da psicologia, no modo como os indivíduos constroem as suas realidades e se relacionam com os sistemas estabelecidos de significados, crenças, valores e símbolos culturais. No ponto seguinte, a autora trata de Michael Oakeshott, um dos maiores pensadores do nosso tempo que valoriza o indivíduo, a sua auto-confiança, bem como os direitos e pensamento prático do aluno, no conhecimento de si próprio e do mundo, desenvolvendo, assim, o espírito crítico e a capacidade para pensar. As ideias radicais

de Mortimer Jerome Adler, por outro lado, provocaram muitas discussões nas universidades, ou seja, defender que a educação não se completa nas instituições de educação superior, mas constitui, em última instância, um processo de maturação ao longo da vida, além de a própria actividade mental do aluno ser impulsionadora da aprendizagem, devendo ser utilizados na educação múltiplos tipos de ensino. Finalmente, Martha Nussbaum analisou o papel das Humanidades e das Ciências Sociais, na Universidade, a partir do tipo de curriculum e de visões do mundo que os jovens, muito independentes e sofisticados, deveriam ter para ficarem preparados, numa perspectiva de futuro, para a cidadania e para a vida.

Alargando a discussão teórica anterior, o capítulo VIII é dedicado ao pensamento de Jacques Derrida e Michel Foucault. Assim, Jacques Derrida, observado aqui como filósofo da educação, pensa que, no futuro da Universidade, se destacam as novas humanidades e a re-conciliação entre democracia e a diversidade do pensamento com a autoridade do autor e do professor. Derrida defende uma liberdade académica incondicional, no campo do questionamento e proposição da verdade, apontando para a articulação entre o direito de pensar e a responsabilidade para dizer o que se pensa. Por seu lado, Michel Foucault analisa a formação histórica das sociedades do século XVII a XIX, com o famoso estudo sobre o nascimento da prisão, descrevendo a genealogia de um poder disciplinador com fortes implicações na relação entre sociais e escolares o que exige, no contexto actual, a reavaliação da genealogia das práticas e teorias da educação crítica.

Na conclusão do livro, são apresentadas algumas considerações finais a propósito da análise feita aos momentos de ruptura e inovação, na educação universitária e filosofia da educação. Para além dos aspectos referidos, Maria Laura Bettencourt Pires destaca os objectivos,

processos, natureza e ideias da educação, como expressão da forma como a nossa compreensão do mundo se vai alterando em relação a hábitos sociais, experiências e às nossas próprias emoções. A ênfase é colocada no papel das universidades na implementação de projectos de desenvolvimento, com a modernização da universidade, o impacto das novas tecnologias, a perspectiva da aprendizagem ao longo da vida. O objectivo último é que as instituições de ensino superior cumpram um papel transformativo na promoção expansiva da cidadania, tornando-se um espaço de discussão e defendendo as diferenças de identidade e a autonomia, recursos fundamentais para a responsabilidade cívica e a qualidade do ensino e da investigação.

**Sara Lopes Borges**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Ori Brafman e Rom Brafman. 2008. *Irracional: O Que Leva Pessoas Inteligentes a Tomarem Decisões Erradas*. Alfragide: Lua de Papel. 159 pp. ISBN: 978-989-23-0231-7.**

Ori e Ron Brafman são dois irmãos de origem israelita, radicados nos Estados Unidos. Ori Brafman tem um MBA em gestão, é especialista no estudo das organizações e consultor de várias empresas como a Microsoft e a Amazon. Ron Brafman é doutorado em psicologia, investigador e docente nesta área. Escrevem em conjunto um livro que aborda a temática da tomada de decisão, com enfoque nas razões e mecanismos do cérebro humano que nos empurram para comportamentos irracionais. Ao longo de oito capítulos e com base nas experiências dos últimos vinte anos, realizadas nos campos da psicologia, economia e sociologia, inves-

tigam padrões de comportamento que levam as pessoas mais competentes a tomarem as piores decisões.

Logo no prefácio, os autores abordam, após a descrição de um exemplo muito simples, as questões a que vão tentar responder ao longo do livro: 'Que forças psicológicas estão subjacentes ao nosso comportamento irracional? Como é que essas forças nos agarram? Quando é que estamos mais vulneráveis à sua acção? [...] E por que não nos apercebemos que estamos a ser desviados?' Ori e Ron Brafman notam um padrão comportamental destes desvios em diferentes sociedades e culturas, admitindo que 'todos somos susceptíveis ao desvio do comportamento irracional' mas se compreendermos 'o apelo sedutor dessas forças, é menos provável que sejamos suas vítimas no futuro (p.11).

No primeiro capítulo, os autores contam, com algum detalhe, a história do maior desastre aéreo do mundo, ocorrido em 1977 com um avião da companhia aérea KLM. Fazem-no na perspectiva do piloto do avião, a quem foram atribuídas as responsabilidades pelo acidente por ter descolado sem autorização, para expor o primeiro dos 'desvios de comportamento' que nos fazem tomar decisões erradas: a aversão à perda. E, com exemplos concretos retirados de estudos sobre a reacção assimétrica a variações de preços, ou entrevistas a um 'calmo e ponderado' gestor de um banco de investimentos sobre a manutenção de um título accionista num mercado de acções em contínua descida, os autores mostram que damos excessiva importância à perspectiva de uma perda potencial com a agravante de, quando essa perda se verifica, ficarmos susceptíveis de correr riscos perigosos. Concluem assim que, no exemplo do avião da KLM, o piloto que era o mais experiente da companhia tomou a decisão errada, porque as perdas efectivas e potenciais causadas por atrasos provocados por pequenos acontecimentos em cadeia foram tomando cada